

Enviada em 30/09/2007 às 08h32min

Ciência para formar cidadãos

Escola Alfredo J. Monteverde utiliza educação científica para formar pessoas críticas

Por **Elaine Vlândia e Karla Larissa**

Vlademir Alexandre



Crianças recebem educação científica para se tornarem cidadãos críticos.

O barulho durante o intervalo é de uma escola convencional. Mas, logo quando a sirene toca para o retorno das aulas, é possível perceber as diferenças da Escola J. Monteverde, um dos braços do **Instituto de Neurociências de Natal** (INN). Na instituição, 600 alunos de escolas públicas aprendem ciência, através de oito oficinas. Entretanto, mais que gerar cientistas, o projeto está formando cidadãos críticos, donos do seu conhecimento.

Ciência e arte, ciência e tecnologia, história, robótica, física, química, biologia e invenções. São muitas as opções que os alunos da J. Monteverde podem fazer, e o melhor, podem fazer várias escolhas.

Diretora da J. Monteverde, Dora Montenegro explica que os alunos da instituição estão na faixa dos 11 aos 15 anos e cursam do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, em quatro escolas públicas, sendo duas municipais e duas estaduais, localizadas nas proximidades do bairro da Cidade da Esperança e que, para se matricularem, participaram de uma seleção. "Todos os alunos passaram por todas as oficinas durante 15 dias para fazer sua opção. Entretanto, por trimestre, eles participam de duas oficinas, sendo seis por ano", esclarece.



Segundo Dora, os alunos passam sete horas por semana na escola, no horário oposto ao do horário de aulas do colégio, mas o projeto não tem o intuito de ser um complemento escolar. "O menino vem para aprender a usar o método científico, que

não é o fim, mas, sim, o meio. Eles aprendem a identificar situações problemas, pesquisar, refutar e buscar soluções. Aprendem a tomar gosto pelo estudo, para que a aprendizagem seja vitalícia. Dessa forma, o aluno incorpora o método científico para aprender para o resto da vida”, enfatiza.

Com o aprendizado do método científico, dos questionamentos e da busca por uma solução, na opinião da diretora, os alunos têm condições de aprenderem sozinhos, um conhecimento além do curricular. “Os alunos se apropriam da forma de como aprender, questionam mais, investigam mais”, salienta.

Dora Montenegro destaca ainda que a Escola não tem o objetivo de formar cientistas, e que isso pode ser apenas uma das conseqüências, mas a intenção é de formar cidadãos. “Educação científica não é iniciação científica. Queremos despertar o interesse pelo conhecimento”, argumenta.

Método

Para ensinarem ciência, despertando o interesse pelo questionamento, os oito professores e dois laboristas, que formam o corpo de ensino da J. Monteverde, passaram por um treinamento, antes de a escola começar a funcionar.

Walter Romero, físico professor da oficina de ciência e tecnologia, afirma que a metodologia das aulas é toda baseada na problematização e na procura por uma resolução. “Isso ajuda no desenvolvimento do pensamento crítico. Mas também tem ajudado aos alunos a aprenderem a se expressar”, acrescenta, completando que antes havia muitas crianças tímidas na turma e que hoje conseguem se comunicar melhor.

Exemplo

Integrante do projeto desde o seu início, em março deste ano, Jéssica da Silva, 14 anos, aluna do 7º ano da Escola Estadual Lauro de Castro, conta que antes de freqüentar a Escola J. Monteverde, não se interessava por ciência e estudava apenas



com o objetivo de completar os estudos para conseguir um emprego quando tivesse maioridade. “No colégio são poucos recursos, o método de ensino é diferente e muitos alunos não conseguem prestar atenção”, explica.

Nesses seis meses, Jéssica já passou pelas oficinas de robótica, história, biologia e ciência e tecnologia, que está concluindo este mês. “Em robótica aprendi a conviver com as diferenças, saber perder, porque a gente montava um robô e competia uns com outros, ganhei algumas vezes e perdi outras”, relata e emenda “já construí uma escavadeira e agora quero aprender a construir um elevador”, disse referindo-se aos protótipos.

Com mais duas irmãs estudando na Escola, Jéssica lembra que antes de freqüentar as

oficinas ficava em casa de "bobeira", como define e na escola, além das aulas, ela ainda arruma tempo para aprender a tocar instrumentos musicais. "Quero ser cantora ou arquiteta", revela.

E sobre como a educação científica vai ajudar em uma das duas carreiras, ela esclarece: "Hoje vejo a ciência como um desafio de conhecer e aprender mais. Não quero o conhecimento só para arrumar um emprego, mas para guardar para a vida".

Resultados

Idealizador do projeto, o neurocientista Miguel Nicolélis avalia que nesses seis meses de funcionamento, a Escola superou todas as expectativas. "As crianças se sentem felizes. A escola é um ambiente de criatividade, liberdade e de produção cultural. Estamos com 600 crianças e no próximo ano serão mil", garante.

Na visão de Nicolélis, a escola não irá gerar só cientistas, mas algumas crianças vão se apaixonar e criar uma nova geração de pensadores críticos. "Elas vão se apaixonar pelo gosto da ciência e pela comprovação que os cientistas podem mudar o mundo", aposta.

Em visita à escola em julho, o ministro da educação Fernando Haddad, considerou que a experiência pode inspirar parte da rede federal. "Nós descuidamos da educação científica por muitos anos. O Brasil tem ciência de primeiro mundo e essa riqueza não chega à escola pública", disse.